

COMANDANTINHOS (1843)¹

Berthold AUERBACH²
(Tradução: Sergio Luis PERSCH)³

1

No primeiro alvorecer de maio, resplandecia em frente à casa de Wagner Michel uma pomposa árvore de maio⁴. Era um pinheiro bem comprido, com os galhos laterais aparados, o que deixava aparecer somente a copa. Erguia-se bem acima dos telhados das casas, e, se a torre da igreja não estivesse construída sobre a colina, de cima do pinheiro se poderia ver para além dela. Não se sabia de outra árvore de maio na aldeia toda, e todas as garotas tinham inveja de Aivle, pois somente ela, a filha mais velha de Wagner Michel, tinha uma.

Um grupo de crianças vinha subindo pela rua da aldeia e, no meio dele, movia-se uma tenda verde, parecida com um pão-de-açúcar, construída de anéis e coberta com folhas. Debaixo dela, um garoto se deslocava de uma casa a outra e, em frente de cada porta, aguardava por alguns instantes. Dois outros garotos acompanhavam, um deles carregava pelas alças um cesto cheio de ovos e farelo. Um bando de crianças os seguia, carregando nas mãos galhos verdes. Diante de cada uma das casas, cantavam:

Hou! Hou! Hou!
O homem de maio é quem chegou.
Traga os ovos para cá
ou invadirá o galinheiro o gambá.
Pois, se os ovos não entregar,

¹ Título original: *Befehlerles*. Tradução de Sergio Luis Persch. Cf. AUERBACH, Berthold. *Schwarzwälder Dorfgeschichten*. Neue Volksausgabe, herausgegeben und mit einem Nachwort versehen von Egidius Schmalzriedt. Stuttgart: Staufen, 1982.

² Nascido em 1812, seu verdadeiro nome era Moses Baruch Auerbacher. Em Nordstetten (Württemberg), sua terra natal, Auerbach cresceu no seio de uma família com poucos recursos financeiros e em contato com a comunidade rural. Após estudos superiores nas áreas de Direito, Teologia Judaica e Filosofia, acabou por dedicar-se ao jornalismo e à arte literária. Em 1843, depois de alguns fracassos literários, logrou êxito com a publicação de sua coletânea “Schwarzwälder Dorfgeschichten”, uma série de histórias cheias de colorido local, em que são relatados acontecimentos corriqueiros dos camponeses residentes na região da Floresta Negra (sudoeste da Alemanha) e de que também faz parte a narrativa aqui apresentada e intitulada, na versão original, *Befehlerles*.

³ Professor do Departamento de Filosofia do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) da UFPB. Contato: slpersch@yahoo.com.br

⁴ Costume do sul da Alemanha, mais especificamente da Baviera, a “árvore de maio” era colocada na frente das casas no dia primeiro de maio, ornamentada com fitas coloridas e, ao seu redor, a população dançava para comemorar a entrada da primavera, a época da colheita. O costume se mantém ainda hoje, mas as árvores foram substituídas por mastros ornamentados.

farelo na soleira vamos jogar.
Hou! Hou! Hou...

Se não recebessem os ovos solicitados, cumpririam a sua ameaça e, em meio a gargalhadas e muita farra, jogavam um punhado de farelo à soleira da porta. Geralmente, porém, a exigência era satisfeita, e assim peregrinavam de casa em casa. Somente na casa do castelão eles passaram direto, sem parar. Entretanto, dessa vez o “homem de maio” não conseguia atrair a curiosidade geral da aldeia. É que todos pararam em frente à casa de Wagner Michel, para admirar a árvore de maio. Decerto foi preciso contar com a força de pelo menos seis homens e dois cavalos para trazer uma árvore desse tamanho até ali. E que isso tenha sido feito assim tão “às escondidas”⁵, parecia quase um milagre. O pior era que erguer árvore de maio estava rigorosamente proibido e transgredir a lei implicava em cumprir uma pena de três meses de reclusão no *Ludwigsburg*, a casa de detenção para trabalhos forçados. Por isso, nenhum rapaz ainda ousara colocar tal buquê diante da casa da sua pretendida. Só mesmo o Matthes, o filho do Wendel, que namorava Aivle, para violar essa ordem. Difícil era descobrir quem tivesse ousado ajudá-lo na empreitada. O rumor que corria era de que ele tivesse contado com a ajuda dos rapazes de *Dettensee*, uma comunidade pertencente à *Sigmaringen*⁶, distante a mais ou menos um quarto de hora.

Muitos agricultores que se dirigiam para os campos com a grade e o arado, outros com a enxada nos ombros, se detiveram por algum tempo a contemplar a árvore de maio. Também o próprio Matthes estava presente na multidão. Sorridente, acenava para Aivle, que lançava um olhar de satisfação pela janela. Esses olhos diziam muito. Sempre que se repetia a pergunta: “Quem plantou a árvore de maio?”, Aivle respondia apenas com um maroto dar de ombros.

Na mesma hora em que as crianças de maio se dirigiram à casa de Wagner Michel para entoar seus versos, apareceu o guarda da aldeia, acompanhado pelo guarda florestal. Ele se impôs aos gritos: “Quietos aí, seus tolos!”. De imediato as crianças se calaram. Nisso o “durão” se dirigiu a Matthes e, agarrando-o pelo braço, disse: “Vem comigo pra prefeitura!”.

Matthes empurrou a pesada mão do policial para longe de si e perguntou:

⁵ No original alemão, Auerbach usa “hehlings” entre aspas, o que parece intencional, tendo em vista a semelhança fônica com o nome do corregeador (Rellings), tentando, talvez, chamar a atenção para uma característica da personagem.

⁶ Distrito localizado no estado de Baden-Württemberg, no sul da Alemanha, na região do Alto Danúbio. Atualmente pertence à administração da cidade de Tübingen.

– Por quê?

– Logo você vai descobrir. Venha agora ou vai ser pior pra você.

Matthes olhou ao seu redor, à direita e à esquerda, como se não soubesse de que modo reagir, ou como se esperasse por socorro, por uma ajuda ou um conselho. De repente, a tenda de maio pendeu e atingiu o rosto do guarda. Decerto o menino que a conduzia pensava ser uma pessoa sagrada e intocável enquanto representasse o homem de maio. O guarda, porém, só reconhecia a si próprio como intocável e, numa única investida, estraçalhou completamente a tenda do garoto. Christle, o irmão mais novo de Matthes, saltou do meio das folhas, e assim a brincadeira do homem de maio chegou ao fim.

Nesse meio-tempo, Aivle saiu de casa e agarrou Matthes pelo braço, como se quisesse salvá-lo. Este, porém, desvencilhou-se bruscamente. E o guarda da aldeia disse para Aivle:

– Você ainda pode esperar. Depois pegamos você também.

“Eu já vou”, disse Matthes, lançando um olhar revelador para Aivle. Mas ela, com os olhos rasos d’água, já não mais conseguia ver coisa alguma e, cobrindo o rosto com o avental, voltou depressa para dentro de casa.

Os agricultores então foram para o campo. Matthes, escoltado pelos dois guardas, foi levado para o centro da aldeia. As crianças o seguiam fazendo algazarra. Quando o guarda não podia mais ouvi-los, alguns rapazes mais audaciosos gritaram “*Soges! Soges!*”. Era o palavrão que ofendia o guarda. Ele se irritava profundamente toda vez que o ouvia. É que o cargo que exercia ele havia assumido nos últimos anos do domínio austríaco e, por uma questão de zelo ao serviço, pensava que era também seu dever falar no dialeto austríaco. Certa vez ele saiu com esta expressão: “*I soges*” (“Eu o digo”). Desde então zombavam dele, chamando-o de “Soges”.

Por detrás das portas da prefeitura, escuras e misteriosas, sumiram Soges, Matthes e o guarda florestal. O prefeito recebeu prontamente o acusado com um enérgico sermão condenatório pelo seu delito. Matthes permaneceu em silêncio, apenas balançava os pés, como se ouvisse uma melodia. Por fim, disse:

– Já acabou, senhor prefeito? Isso tudo não me diz respeito, não assentei nenhuma árvore de maio. Agora continue. Posso ouvir por mais alguns instantes.

O prefeito ficou furioso. Seu impulso foi o de partir para cima de Matthes, mas o Soges cochichou alguma coisa no ouvido dele, e ele voltou a relaxar o punho, antes

cerrado. Ordenou, então, que Soges prendesse o delinquente na cadeia por 24 horas, em cumprimento da pena por suas mentiras descaradas.

“Eu sou um filho desta terra, vocês sabem onde me encontrar. Não me daria ao trabalho de fugir por causa de uma bagatela dessas. Não podem me prender”, disse Matthes cheio de razão.

“Não podemos?”, gritou o prefeito vermelho de raiva, “Isso é o que nós vamos ver, seu...”.

“Opa! Chega de ralar, eu já vou”, disse Matthes, “Mas não é certo tratar dessa forma o filho de um cidadão. Se o meu primo Buchmaier estivesse em casa, isso não aconteceria”.

No caminho em direção à cadeia, Matthes ainda se deparou com Aivle, mas sequer tentou falar com ela. Aivle não conseguia compreender, seguiu Matthes, com os olhos, até onde pôde. Abatida pela vergonha e desgosto, dirigiu-se cabisbaixa à casa do prefeito. A mulher do prefeito era sua madrinha de crisma. Aivle não queria mais sair de perto dela até que Matthes fosse solto. Dessa vez, a tentativa de interferir não funcionou. É que o prefeito estava na iminência de sofrer um ato de repreensão e, por isso, não media esforços para agradar o seu superior, o corregedor regional, demonstrando um rigor redobrado e inflexível.

Com o auxílio de Soges, seu fiel e sábio ministro, o prefeito elaborou um relatório e, bem cedo na manhã seguinte, Matthes foi transportado para Horb. Ainda bem que tomaram o caminho do outro lado da aldeia e que Aivle não tenha visto Matthes, pois seria uma visão lastimável. O rapaz, sempre imponente e arrumado, estava agora curvado e desleixado. Uma única noite na cadeia acabou com ele. Para extravasar sua raiva, Matthes arrancava um ramo de cada arbusto que encontrava no caminho, e logo em seguida o jogava fora. Apenas quando foi conduzido pelo bosque de pinheiros, arrancou um ramo e o manteve entre os dentes. Ao longo de todo o percurso, não proferiu uma só palavra. Era como se o ramo de pinheiro fosse o símbolo do silêncio que ele estava disposto a guardar sobre a árvore de maio. Como se, por um passe de mágica, esse raminho amarrasse a sua língua. Já na presença do corregedor regional, ele se apressou em tirar o ramo da boca e, quase sem se dar conta, enfiou o símbolo da acusação contra ele na sacola.

Quem jamais esteve nas mãos de um tribunal, não sabe como é terrível, assim de repente, não mais ser senhor de si mesmo e ficar entregue à própria sorte. É como se tomassem nosso próprio corpo, que, quando empurrado de um lado para o outro, precisasse

suspender os pés, voluntariamente, para andar na direção que os outros querem. Tal era o sentimento de Matthes, pois, pela primeira vez em sua vida, ele estava diante de um tribunal. Ele estava tomado de tanto pesar e angústia a ponto de se sentir um grande criminoso, como se tivesse tirado a vida de alguém. Ele achava que seus joelhos ruiam quando fosse levado escadaria acima. Foi preso na torre. Esta se elevava no alto do morro de maneira tão imponente que mais parecia um forte. Como se fosse um grande dedo indicador esculpido em pedra a advertir: “Tomem cuidado!”.

O tempo transcorria numa lentidão mortal para Matthes. Até onde pudesse se lembrar, jamais tivera uma só hora sozinho e sem trabalhar. O que deveria fazer agora? Por um momento, ele espiou pela pequena abertura da parede de seis palmos de espessura, uma janela guarnecida com grades duplas, mas não pôde ver outra coisa senão um pequeno pedacinho de céu azul. Encontrou na sua sacola o raminho de pinheiro e, estirado sobre o catre, ficou brincando com ele por muito tempo. Tratava-se do último resíduo do mundo verdejante lá de fora. Cravou-o na pequena fenda de uma tábua e imaginou que fosse a grande árvore de maio, colocada na frente da casa de Aivle. Parecia a ele que já havia passado um século, desde quando a viu pela última vez. Levantou-se com um suspiro, lançou um olhar confuso ao seu redor e bateu com os pés no chão. Começou então, assoviando, a contar as agulhas do ramo de pinheiro. Chegando à metade, porém, ele parou e observou com mais atenção o ramo. Então percebeu, pela primeira vez, quão belo é um ramo desses. Na base, as agulhas eram duras e de um verde escuro, mas, em direção à ponta, ainda permaneciam tão suaves e de cor clara, tão macias quanto a penugem de um pássaro que ainda não formou as asas, e, bem na ponta, estava o pequeno broto com suas escamas, que encobriam graciosamente umas às outras – era o que viria a ser uma pinha. O hálito fresco da resina do ramo soltava um cheiro mais agradável do que a alfazema e o alecrim. Matthes o esfregava calma e suavemente sobre todo o rosto e sobre os olhos fechados. E, segurando o ramo nas mãos, finalmente adormeceu. No sonho lhe pareceu que estava amarrado sobre a copa de um pinheiro oscilante, de tal modo que não conseguia mover qualquer um dos seus membros. Ouviu a voz de Aivle, que suplicava ao espírito do mal para que a deixasse ir até Matthes para salvá-lo. Ele acordou e realmente ouviu a voz de Aivle e a do seu irmão Christle. Eles traziam almoço para Matthes e estavam implorando ao carcereiro para, acompanhados por ele, fazer uma visita ao preso. Mas não foram autorizados.

Somente ao entardecer Matthes foi conduzido para a audiência. O corregedor regional já começou se dirigindo a ele desrespeitosamente e ralhou com ele em alemão culto da mesma forma como no dia anterior fizera o prefeito no dialeto local. Enquanto os procedimentos judiciais não forem realizados em público, tais como eram feitos em tempos antigos por toda a Alemanha, o oficial sempre pode fazer com o acusado o que bem entender. Ainda que não lhe seja permitido amarrá-lo em uma roda de tortura ou mandar espancá-lo, restam vários outros modos, muitas vezes até mais duros, de infligir maus tratos.

Andando de um lado para o outro em sua sala, fazendo retinir suas esporas, remexendo habilmente sem parar um papelzinho entre os dedos, o corregedor procedeu ao interrogatório:

– Onde você roubou a árvore?

– Eu não sei de nada, senhor corregedor.

“Seu ladrão maldito, você está mentindo”, retrucou de imediato o corregedor, ao mesmo tempo em que se dirigiu a Matthes e segurou a ponta do seu cachecol.

Matthes, por sua vez, reagiu de sobressalto e, involuntariamente, cerrou o punho.

“Eu não sou ladrão”, disse por fim, “E o senhor terá que registrar no protocolo o que acabou de falar. Eu quero ver se sou ladrão. Meu primo, o Buchmaier, logo mais voltará para casa”.

Diante do que assim ouviu, o corregedor deu as costas e cerrou os lábios.

Se Matthes efetivamente não estivesse envolvido numa encrenca, o corregedor poderia ter se dado mal. Este, porém, esperto que era, determinou que a sua fala não fosse registrada no protocolo. Tocou a campainha e ordenou que o Soges entrasse.

– Quais são as provas que o senhor tem de que esse rapaz colocou a árvore de maio?

– Todas as crianças da aldeia, até as telhas sobre os telhados, sabem que Matthes namora Aivle. Eu não queria me intrometer, mas acho que, para encurtar a questão, deveríamos chamar Aivle, pois, diante dela, ele não negará isso, não será capaz de jurar falso testemunho.

Ao ouvir isso, Matthes arregalou os olhos e os seus lábios estremeeceram, porém, manteve-se calado. Por alguns instantes, o corregedor se manteve perplexo, pois sabia muito bem que o procedimento não permitia semelhante recurso de prova. Mas ele queria “estatuir um exemplo”, conforme se expressou de acordo com a linguagem jurídica.

Assinado o protocolo por Matthes, pelo Soges e por duas outras testemunhas ou, conforme são denominados entre nós, “bajuladores judiciais”, a audiência estava encerrada. Matthes já não dispunha de ânimo para retomar a sua exigência relativa à difamação do corregedor e, assim, foi conduzido novamente para a cadeia.

O entardecer já avançara quando Aivle ainda estava sentada no alto da ladeira, a olhar para a torre que se erguia sobre o cume do morro à sua frente. O Matthes, pensava, deveria voltar finalmente para casa. Ela se mantinha escondida atrás de um arbusto, de modo a não ser vista e interrogada por ninguém. De lá viu, então, o Soges se aproximar. Aivle veio para a estrada. Soges acenou para ela, que correu depressa ao seu encontro.

“Espera um pouco, Aivle”, chamou Soges, “Você está me poupando uma viagem. Eu só queria dizer que amanhã cedo, às oito horas, você deve comparecer ao fórum”.

Por um instante Aivle ficou imóvel e pálida feita um cadáver, com o olhar confuso e ensimesmado e, em seguida, correu depressa ladeira abaixo, detendo-se somente à margem do rio Neckar. Olhou espantada ao seu redor. Sentia-se na iminência de também ser presa e, para evitar isto, era como se precisasse correr dali. Depois, cabisbaixa e chorando, voltou para casa.

A noite toda, Aivle praticamente não pregou um olho, pois na manhã seguinte ela deveria comparecer pela primeira vez diante do tribunal. Toda sorte de visões assustadoras, de aposentos com cortinas pretas, aparecia diante da sua alma, e, se a sua amiga Agath, filha do Schneider, não tivesse dormido na casa dela, teria morrido de medo.

Mal amanhecia o dia, quando Aivle foi até o guarda-roupa, pegou o seu traje de domingo. Agath teve que ajudá-la a se vestir. De tanto tremer, ela não conseguia amarrar uma só fita. Mirou-se melancólica em seu espelho quebrado. Sentia como se precisasse vestir sua roupa dominical para um enterro.

Wagner Michel acompanhou a sua filha, pois não permitia que ela fosse sozinha. Diante do fórum, ele tirou o chapéu, alisou os cabelos bem aparados e já ensaiava um ar gentil e submisso, quando fincou os pés em frente à porta da antessala. Encostou o seu cajado de abrunheiro na parede, segurou o chapéu de três pontas com a mão esquerda contra o peito, inclinou humildemente a cabeça para frente e bateu à porta. A porta se abriu. “O que é?”, perguntou uma voz áspera.

– Eu sou o Wagner Michel, e esta é a minha filha Aivle. Ela está com tanto medo, que eu queria perguntar se eu também poderia entrar e acompanhá-la perante o tribunal.

“Não”, foi a seca resposta, e a porta se fechou com tal estrondo diante do seu nariz, que Wagner Michel recuou cambaleante. Ele não teve a oportunidade de expor a outra justificativa que ainda tinha em mente, de que era ele próprio que deveria se apresentar ao tribunal, e não sua filha, uma vez que a árvore de maio estava plantada em frente à sua casa.

Com ambas as mãos sobre o seu cajado de abrunheiro, e o queixo escorado sobre as mãos, Wagner Michel estava sentado ao lado da sua filha no corredor do fórum, com o olhar fixo nas pedras do piso, que lhe pareciam tão frias e indiferentes quanto o semblante do funcionário. E, assim, murmurou consigo mesmo: “Se o Buchmaier estivesse aqui, a história seria outra”. Aivle não conseguia proferir uma só palavra. Com as mãos cerradas, apenas tossia de vez em quando, bem baixinho, em seu lenço finamente engomado.

Por fim, ela foi chamada para a sala do tribunal. Levantou-se depressa, pai e filha se entreolharam em silêncio, e Aivle desapareceu atrás da porta, onde ficou parada. O corregedor ainda não chegara, mas lá estava sentado o escrivão, brincando com a pena na mão, e ao lado dele as duas testemunhas cochichando baixinho uma com a outra. Aivle tremia da cabeça aos pés. O silêncio durou quase dez minutos, o que para ela pareceu uma eternidade. Enfim se ouviu o tinir das esporas, e veio o corregedor. Parecia encantado por Aivle, pois ele segurou seu queixo, acariciou as suas faces quentes e rosadas, e então disse: “Pode sentar”. Aivle obedeceu, sentando-se timidamente na borda da poltrona.

Depois de responder, cabisbaixa, às perguntas de rotina: nome, estado civil, idade, etc., o corregedor lhe perguntou:

- Pois então, quem foi que colocou para você a árvore de maio?
- Eu não faço ideia, senhor corregedor.
- Mas você não entregou uma corda pela janela do sótão para amarrar a árvore?
- Não, senhor corregedor.
- Também não sabe quem é seu pretendente?

Aivle não se conteve e caiu em prantos. Sentia horror em ter que mentir e, mesmo assim, ela também não podia ceder. O corregedor se dispôs a ajudá-la, dizendo:

– Ora, mas o que há de duvidoso nisto? O Matthes é seu pretendente e vocês planejam se casar daqui a poucos dias.

Aivle se lembrou de que, dentro de quatro semanas, eles queriam solicitar ao cartório a autorização para o casamento. Temeu que, se negasse agora o que estavam pedindo, ela não receberia os “papéis” e a “autorização”. E ela também não podia

continuar negando, porque isso era contrário aos seus princípios. Seu coração bateu forte, foi tomada por um sentimento de orgulho, uma consciência que vencida todos os perigos animou todo o seu ser. De repente, ela já não mais pensou nos papéis, tampouco no corregedor e nem onde estava, mas pensava apenas em Matthes. Derramou uma última lágrima, seus olhos brilharam com esplendor, levantou-se de repente, olhou ao redor toda orgulhosa e disse:

– Sim, jamais ficarei com outro neste mundo.

– Foi o Matthes, portanto, quem colocou a árvore de maio para você?

“Pode ser, talvez, mas a gente não pode ver quando acontece, e nessa noite eu...”, novamente os soluços impediram que ela desse continuidade à sua fala.

Sorte que Aivle permanecia com os olhos fechados e, assim, não chegou a ver o riso estampado na cara dos homens do fórum.

– Reconhece então que nenhum outro colocou a árvore para você?

– Como posso saber?

Empregando toda sorte de subterfúgios e garantindo que a punição seria bastante leve, o corregedor obteve finalmente a confissão de Aivle. Procedeu-se então à leitura do protocolo, no qual os depoimentos vinham traduzidos em alemão culto e arranjados num discurso coeso. Sobre todos os choros e sofrimentos da moça não constava uma só palavra. Aivle ouviu com espanto tudo que ela supostamente teria falado, mas assinou. Ficou imensamente feliz quando teve permissão de ir. Assim que a porta se fechou às suas costas e o puxador voltou ao encaixe, ela parou de repente, como se estivesse amarrada, e cerrou as mãos. Exalou um suspiro profundo. Teve a sensação de perder o chão sob seus pés. Somente agora conseguia ter noção do que poderia ter feito contra o seu Matthes. Agarrando-se no corrimão da escada, desceu amedrontada os degraus de pedra e foi à procura do pai, que estava no bar tomando um chope, para fortalecer o coração. Sem dizer palavra alguma e incapaz sequer de molhar os lábios, Aivle ficou sentada ao lado dele.

Enquanto isso, Matthes foi novamente trazido para o interrogatório. Ao ouvir a confissão de Aivle, bateu com estrondo os pés no chão e rangeu os dentes. Essas expressões foram consideradas como provas da veracidade da confissão, e, provocado até a exaustão, Matthes deu-se por vencido. Mas continuava agitado, fazendo movimentos bruscos como os de um animal feroz que, preso numa rede, move-se para todos os lados tentando se soltar, mas, apesar de todo esforço, fica cada vez mais emaranhado.

Quando perguntado de onde pegou a árvore, Matthes inicialmente respondeu que teria tirado da floresta de Dettensee (na comarca de Sigmaringen). Mas quando, em seguida, iniciou-se um novo interrogatório, cujo relato deveria ser entregue no cartório de Haigerloch, ele acabou confessando que havia retirado a árvore da sua propriedade, situada em Weiherle. Era uma das árvores que logo teria autorização da guarda florestal para corte.

Em razão desse atenuante, Matthes foi multado em dez moedas de prata, por ter derrubado uma árvore da sua propriedade, antes de obter autorização.

No topo da ladeira, lá onde no dia anterior havia arrancado um ramo de pinheiro, Matthes encontrou Aivle e o pai dela, que haviam subido pelo caminho do prado. Matthes queria seguir adiante sem cumprimentá-los. Aivle, então, correu ao encontro dele, tomou a sua mão e clamou com um suspiro profundo:

– Matthes, espera, olha só, aqui tem a minha corrente e a granada do meu anel, caso precise pagar multa. Graças aos céus, você não está mais preso.

Depois de conversarem, Matthes consentiu, e assim ambos seguiram caminho, entraram de mãos dadas na aldeia e foram cordialmente saudados por todo mundo.

Essa é a história da árvore de maio na casa do Wagner Michel. No dia do casamento dos enamorados, a árvore foi enfeitada com fitas vermelhas. Parece que o céu teve uma simpatia maior pela árvore do que a venerável polícia, pois, quase por um milagre, ela ficou verde e criou novas raízes. Até hoje a árvore ostenta a sua pompa como um eterno testemunho de amor em frente à casa dos bem-aventurados.

2

Há uma ligação dessa com uma outra história de significado mais geral. O costume de erguer árvore de maio, bem como alguns outros crimes florestais, levou o corregedor a promulgar uma ordem que já oscilava há muito tempo na ponta da sua pena. Conforme o antigo costume, é direito dos agricultores da Floresta Negra, em uma caminhada pelo campo, carregar um pequeno machado no braço esquerdo. Somente os “homens”, os casados, podem fazê-lo, mas os “moleques”, os solteiros, não. Decerto é verdade, conforme se ouve dizer, que isso ainda consiste num resquício do uso de um instrumento comum de defesa.

No primeiro dia de Pentecostes, podia-se ler no quadro negro da prefeitura de todas as aldeias da comarca a seguinte ordem:

“A experiência nos mostra que muitos crimes florestais decorrerem do porte ilegal do machado. Portanto, fica estabelecido e para conhecimento público que, a partir de hoje, qualquer sujeito que seja flagrado andando, pela estrada ou pela floresta, com um machado, deverá prestar informações precisas aos caçadores autorizados, aos guardas dos campos ou das florestas, sobre para onde vai e por que está portando um machado. Caso não tenha justificativa satisfatória, ser-lhe-á imputada a multa de uma moeda de prata no primeiro flagrante. O reincidente será penalizado a pagar três moedas de prata. E, numa terceira transgressão, será preso por um período de oito dias a quatro semanas.

Corregedor

Rellings”

Muitos agricultores pararam diante da prefeitura após a missa vespertina. Matthes, que agora também pertencia à categoria dos homens feitos, leu a ordem em voz alta. Ao que todos responderam abanando a cabeça em gesto de reprovação, murmurando maldições e praguejando. Mas o antigo prefeito disse em alto e bom tom:

– Isso não teria acontecido em outros tempos, é invenção desses nossos homens da lei.

Avistou-se então o Buchmaier descendo pela aldeia com o machado no braço. Todo mundo olhou para ele e pôde ver com que determinação se aproximava. Era um homem corpulento e forte, nos seus melhores anos, não muito grande, mas atarracado e de ombros largos. A camisa saía um pouco para fora das calças curtas de couro. Através do colete vermelho aberto se podia ver ponta da alça do suspensório⁷, confeccionado de um tecido colorido e que, de longe, parecia um coldre. O chapéu de três pontas se assentava numa cabeça desproporcionalmente pequena, cujos traços faciais, especialmente em torno da boca e do queixo, exprimiam uma delicadeza um tanto feminina. Os olhos de um azul resplandecente, com as sobrancelhas escuras a se projetar à frente, demonstravam clareza e determinação masculina.

Matthes correu ao encontro do Buchmaier, deu-lhe a notícia da ordem estabelecida pelo corregedor e acrescentou:

– Primo, todos vocês não serão vereadores de direito, caso permitam que se faça isso.

⁷ Há aqui uma nota do autor relativa à forma com que esses suspensórios eram presos, não com botões, mas com prendedores, forma tradicional das vestimentas dos suábios da Floresta Negra.

O Buchmaier seguiu em frente no seu lento caminhar, sem se apressar um só passo. Dirigiu-se diretamente ao quadro. Todo mundo recuou, a fim de que se sentisse mais à vontade para ler. Ele ajustou o chapéu um pouco para o alto, e um silêncio cheio de expectativa dominou todo o entorno. Quando acabou sua silenciosa leitura, Buchmaier colocou a mão na aba do chapéu de modo de assentá-lo com firmeza. Isso significava que algo seria feito. Em seguida, tomou calmamente o machado do seu braço esquerdo e com um “Toma!” o fincou no quadro preto, rachando a ordem bem no meio. Voltou-se na direção do grupo e disse:

– Nós somos cidadãos e vereadores. Se não houve uma reunião pública e o consentimento de todos os vereadores, não é possível promulgar tal ordem. Quero ver se os escrivães podem tudo, e se nós, portanto, não valemos mais coisa alguma, e ainda que essa questão chegue até o rei, nós não podemos permitir isso. Quem estiver de acordo comigo, que arranque o meu machado dali e o finque mais uma vez na tábua.

Matthes foi o primeiro a fazê-lo. O Buchmaier, porém, segurou-o pelo braço e disse:

– Dá preferência aos mais velhos.

Essa palavra serviu para encorajar aqueles indecisos que ainda tinham dúvida devido à maneira de agir de Buchmaier. Foi o velho prefeito quem primeiro desferiu o seu golpe com a mão trêmula e, na sequência, todo mundo o imitou com valentia. De todos os que se encontravam em volta, nenhum se esquivou, e foi principalmente o nome do corregedor que resultou estraçalhado de cortes cruzados. Pouco a pouco toda a aldeia compareceu. Todo mundo se animou a realizar o mesmo gesto simbólico. Em meio a gargalhadas e júbilo, cada qual desferiu o seu golpe.

O prefeito, quando recebeu a notícia do que acontecera, quis mandar chamar a guarda de Horb. Entretanto, seu sábio ministro o dissuadiu dessa empreitada, uma vez que isso de nada adiantaria. Até mesmo o prudente Soges pensou consigo: “Bem, deixemos que cometam delitos, isso renderá toda uma chuva de intimações, e para cada intimação um tostão. Continuem batendo à vontade, assim cortarão a própria carne, e essa carne renderá os meus tostões”. Com uma feição alegre, sentado na frente de um chope na taverna do Adler, Soges calculava antecipadamente o seu lucro em decorrência do levante da aldeia.

E assim, exceto o Soges e o prefeito, não sobrou nenhum outro homem da aldeia inocente desse excesso.

Na terça-feira, por iniciativa do velho prefeito, foram os próprios vereadores que se dirigiram à prefeitura e notificaram o que haviam feito. O corregedor demonstrou sua ira andando furioso de um lado para o outro da sua sala e praguejando. Não por acaso ele se chamava Rellings⁸, pois de fato parecia um gato de pêlo aparado, no qual se colocavam óculos e calçavam esporas nos pés. Ele queria emitir ordem imediata de prisão aos criminosos. Entretanto, Buchmaier se postou firme diante dele e disse:

– Isso é tudo o que senhor sabe fazer? Prender? Pois não temos pressa. Estamos aqui para nos explicar. Nós reconhecemos abertamente o que fizemos e, portanto, não se pode falar ainda de uma prisão preventiva. Eu não sou nenhum vagabundo, o senhor sabe onde moro, eu sou o Buchmaier, este é o Bäck, esse o Schmiedhannes, aquele, o Basche, filho do Michel, e essa é a nossa terra. Sem julgamento, não podem decretar a nossa prisão, e ainda assim teremos saída, recorrendo a Reutlingen ou a Stuttgart, caso seja preciso.

O corregedor se viu obrigado a recuar e convocou os homens a comparecerem no dia seguinte, às nove horas, para uma audiência.

Esse último encaminhamento, pelo menos, serviu para ludibriar o Soges na sua animada contabilidade de tostões. – Assim se enganam muitas vezes em seus cálculos, tanto os grandes quanto os pequenos homens.

Parecia quase o cenário de uma guerra, quando no dia seguinte mais de cem homens, portando o machado no braço, vinham subindo pela aldeia. Várias vezes pararam diante de uma casa para chamar alguém atrasado, que, apressado, terminava de se vestir na estrada. O povo se descontraía com muitas brincadeiras e gracejos, que, porém, cessavam quando avistavam o Buchmaier, com suas sobancelhas bem contraídas. A ordem era que ninguém bebesse uma só gota antes de retornar da audiência: “Primeiro o sermão, depois o pão”, era o lema dos agricultores.

O corregedor olhava pela janela trajando sua camisola de dormir, com seu longo cachimbo na boca. Quando, porém, viu se aproximar o bando armado, fechou depressa a janela e foi correndo em direção à campainha, mas porque sempre mantinha as esporas em suas botas, enroscou-se no cortinado e desabou com toda a extensão do seu corpo no chão. O longo cachimbo, jogado ao seu lado, parecia uma arma. Levantou-se rapidamente, chamou o funcionário, tocando a campainha, enviou-o para o comandante de plantão e para o chefe da guarda, e ordenou que todos deveriam se apresentar fortemente armados.

⁸Na nota do autor, tem-se: “Denominação para gato utilizada na Floresta Negra”. Trata-se de forma dialetal (suábio) para o alemão *Rölling*, sinónimo para *Kater* (gato), de acordo com o *Pfälzisches Wörterbuch* (Disponível em <http://woerterbuchnetz.de/>).

Foi de lamentar, porém, que só restavam quatro homens em seus postos. A esses, ordenou que ficassem de prontidão lá embaixo, na dependência dos funcionários, e que se mantivessem preparados para agir a qualquer momento. Na administração, ordenou, logo em seguida, que deixassem entrar somente um agricultor por vez e que fosse trancada a porta.

O primeiro convocado foi o Buchmaier. Na entrada, ele segurou a porta aberta e disse: “Bom dia, senhor corregedor”, e voltando-se para trás, disse aos que continuavam do lado de fora:

– Entrem, homens, nós temos um assunto comunitário a tratar, não falarei apenas em meu próprio nome.

Antes que o corregedor pudesse se dar conta, a sala estava toda ocupada pelos agricultores. Todos a portar o seu machado no braço esquerdo. Buchmaier se adiantou, dirigindo-se para o escrivão e, estendendo a mão, disse: “Escreva aí, palavra por palavra, o que eu digo. Que a comarca também tome conhecimento exato do que seja”. Em seguida, passou duas vezes com a mão direita pela gola da camisa, fincou seu punho sobre a mesa verde e começou:

– Com todo respeito pelo senhor, corregedor, foi o rei quem o enviou e nós temos que lhe obedecer, como quer a lei. O rei é homem bravo e idôneo, com certeza não ia querer que se lidasse com os agricultores como se fossem gado, ou que se brincasse com eles como se fossem crianças. Esses senhoreszinhos, que ocupam suas posições desde lá de cima até aqui embaixo, andam se divertindo com a brincadeira de comandantinhos⁹. Ainda vão acabar por prescrever em letras grandes, como tem que cacarejar a galinha quando põe um ovo. Eu serei seu servo, farei tudo o que estiver ao meu alcance. Bem sei que isso por hora de nada serve, mas precisa ser dito. Eu tenho que tirar isso da minha garganta. A comunidade não é mais para ter valor algum, tudo é para ser resolvido dentro das repartições oficiais? Pois então que revolvam a terra, plantem e colham dentro das salas de vocês. Um só desses escrivãeszinhos atrofiados ridiculariza toda uma prefeitura cheia de agricultores e, antes que se possa tirar satisfação, já aparece outro prefeito-escrivão lhe sucedendo. E assim tudo está na sua mais perfeita ordem. A verdade tem que ser dita, é preciso haver ordem, mas primeiro temos que ver se a coisa não funcionaria melhor sem os

⁹Escolha lexical do tradutor para *Befehlerles*, neologismo criado por Auerbach a partir do substantivo *Befehl* (ordem), um diminutivo típico do dialeto suábico (-les) e um “s” final, marca de Genitivo, que indica o pertencimento a um grupo. De acordo com o contexto, a representação do acontecimento na aldeia com o nome de uma brincadeira infantil, em que um chefe determina o que os seus subalternos devem fazer, corresponderia, em português brasileiro, a “chefe mandou”.

escrivães. E também não me parece que sejamos idiotas. Ainda que não façamos a coisa conforme o estilo da repartição, sabemos fazê-la. É necessário que haja pessoas estudadas, que tenham um parecer sobre toda e qualquer coisa. Mas antes de tudo são os próprios cidadãos que precisam colocar os seus assuntos em ordem.

“Ao assunto, ao assunto!” pressionou o corregedor.

– Isso diz respeito ao assunto. Vocês já não sabem mais o que ordenar com essa mania de lavrar textos, e já chegam ao ponto de impedir, de antecipar problemas e de atrapalhar, sim, atrapalhar, para ser franco – vocês ainda acabam por colocar um soldado da polícia ao pé de cada árvore, para que ela não entre em contenda com o vento e não beba em excesso quando chove. Se isso continuar assim com a brincadeira de comandantinhos, dá vontade mesmo é de montar numa vaca¹⁰. Tudo, tudo querem nos tomar. Agora, uma coisa nós não admitiremos.

Ergueu o machado para o alto e, rangendo os dentes, continuou:

– Ainda que seja necessário arrombar com meu machado todas as portas que conduzem até o rei, não abrirei mão desta ferramenta. Desde os tempos antigos, é nosso direito carregar machados e, caso queiram tomá-los de nós, isso tem que ser decidido em assembleia municipal ou regional, e ali nós também temos voz. Mas porque querem tomá-los de nós? Para evitar crimes florestais? Mas para isso há guardas florestais, penas e normas, e elas valem tanto para nobres quanto para pobres. De quantos dentes precisa um pobre agricultor para comer peras da terra? Arrancam da boca dele os demais, para que ele não caia na tentação de roubar carne? E por que então deixam os cachorros correrem soltos com seus caninos? Quando um menino completa oito ou nove anos, ele carrega uma faca em sua sacola e, caso corte o dedo, é ele o responsável por isso. Se usá-la para fazer alguma coisa contra um outro, será advertido. Quem disse aos senhores que nós somos menos aptos que crianças pequenas, e que vocês são nossos professores e tutores? Vocês, senhores, se comportam como se fosse graças à *sua ordem* que eu agora não salte pela janela. Porém, nos principais assuntos da vida, cada um tem que tomar conta de si mesmo, assim como também a comunidade tem que saber de si, e não os senhores. Mas o que quero dizer? Senhores! Nossos servos é o que são, e nós somos os senhores. Pensam sempre que nós existimos em função de vocês, para que tenham algo a comandar. Mas nós pagamos a vocês para que haja ordem na nação, e não para sermos ridicularizados. Vocês são funcionários a serviço do Estado, e o Estado somos nós os cidadãos. Se suprimirem o

¹⁰ Há aqui uma nota do autor com relação à expressão que significa usar o mais estranho modo de fuga.

nosso direito, não iremos ao vassalo, mas ao grande rei é que iremos. E eu prefiro deitar a minha cabeça sobre o cepo e deixar que o carrasco a degole com este machado, a permitir que um servidor oficial o tome de mim contra a minha vontade. Tenho dito. Eu concluí.

Um silêncio absoluto dominava o ambiente, todos se entreolhavam, os olhos piscavam como a dizer: “Esse sabe o que diz. Agora a porca torce o rabo”. O Basche, por sua vez, cochichou com o Bäck: “Aqui cabe bem o provérbio: ele acertou na mosca” – “Sim, esse daí não leva desaforo pra casa!”, respondeu Bäck.

O corregedor não deixou que a impressão desse discurso durasse por muito tempo. Mexendo um papelzinho entre os dedos, começou a expor em tom suave a gravidade do delito cometido. Muitas acusações indiretas atingiam o Buchmaier. Mas este apenas balançava a cabeça a cada investida, como se estivesse espantando moscas. Por fim, o corregedor falou de sujeitos que querem levar vantagem em processos e dispostos a causar tumultos, de senhores agricultores pretenciosos que tomam chope com os advogados, que dizem ter ouvido rumores, mas que não sabem de onde.

E, após essas digressões gerais, ele retomou o assunto em questão. Indicou alguns presentes pelo nome e os enalteceu como cidadãos sensatos e pacíficos, que seriam incapazes de cometer tal delito. Expressou a sua profunda convicção de que eles foram induzidos pelo Buchmaier. Intimou a que, em favor da consciência deles, da obediência ao rei e à lei, do amor à esposa e aos filhos, não oferecessem as costas para carregar tamanha culpa, e reconhecessem aberta e livremente o aliciamento, pois assim a sua punição seria bem tênue.

Novamente dominou o silêncio. Muitos se entreolhavam e, em seguida, olhavam para o chão. O Buchmaier, audacioso e de queixo erguido, fitou sem reservas a feição de todos, estufou o peito e, cheio de esperança, prendeu a respiração. Matthes já abrira a boca para falar, mas o Schmiedhannes tapou-lhe a boca, pois naquele exato momento também se levantou o velho prefeito, o qual, dentre todos os presentes, era o único que estava sentado numa cadeira. Com passos pesados, mal erguendo os pés, ele avançou em direção à mesa verde, inicialmente ofegante e tomando o ar com muito esforço. Mas então, em discurso bem fluente, falou:

– Muito obrigado pelo excelente epílogo que você dirigiu a mim e aos outros, senhor corregedor, mas eu assino embaixo daquilo que disse o Buchmaier, com todos os pontos nos is. Se ainda fosse necessária uma prova a mais, de que os senhores nos veem como crianças pequenas, como menores, o senhor mesmo a daria em pessoa, senhor

corregedor. Não, eu tenho setenta e seis anos e fui prefeito durante vinte anos. Nós não somos crianças que se deixariam levar por algo assim como uma patifaria de moleques, o machado comigo permanecerá até que eu descanse dentro de seis tábuas. E quem aqui se considera uma criança, basta confessá-lo. Eu sou um homem que sabe o que faz. E se houver uma sentença, que ela também caia sobre mim.

“Nós também!” exclamaram todos os agricultores como em *uma só voz*. A voz de Matthes se sobressaiu.

O semblante de Buchmaier se iluminou. Ele ainda tomou o machado com a mão direita e o apertou firme contra o peito.

Depois de encerradas as formalidades habituais, assinado o protocolo e tendo solicitado o Buchmaier uma cópia, os agricultores saíram calmamente da corregedoria.

Houve mais comunidades que protestaram contra essa nova ordem. O assunto foi conduzido até o governo da comarca. Aqueles indivíduos que fizeram um protesto de forma inconveniente com o seu próprio machado foram multados em uma soma considerável. Depois de um certo tempo, o corregedor Rellings foi transferido, e a ordem não foi mais renovada.

Agora, como era antes, os homens portam o seu machado no braço esquerdo.

Noutra ocasião, contarei mais coisas do Buchmaier.